



## O legado de Margaret Thatcher

Reginaldo C. Moraes<sup>1</sup> • Agosto de 2013

*Resumo:*

*O artigo analisa o legado neoliberal de Margaret Thatcher e seus desdobramentos para a periferia.*

*Palavras-chave: Margaret Thatcher; Neoliberalismo; Periferia*

*Abstract:*

*The article analyses the neoliberal legacy of Margaret Thatcher and its consequences for the periphery.*

*Key words: Margaret Thatcher; Neoliberalism; Periphery*

**D**urante os ‘Vinte e cinco gloriosos’ do pós-guerra, os liberais anti-keynesianos pareciam ter sido reduzidos à impotência e à insignificância. No mundo acadêmico, isso era visível para quem olhava o conteúdo dos livros de História do Pensamento Econômico: os ultraliberais eram quase uma nota de rodapé. Na vida política, mais grave ainda. A vigorosa reconstrução do capitalismo na Europa e no Japão, bem como a “era dourada” dos norte-americanos era associada a uma forte intervenção estatal, regulando e estimulando a economia. Abria-se a era da “economia mista”, saudada pelo mais famoso e mais vendido manual de “Economics”, o de Paul Samuelson. Além disso, as políticas públicas de “welfarestate” diminuía a desigualdade e a tensão social. Os surtos revolucionários pareciam ter sido empurrados para a periferia do sistema capitalista, para o Terceiro Mundo, ainda subdesenvolvido e submetido a diferentes formas de neocolonialismo.

Nos anos 1970, contudo, o cenário mudava e os personagens, também. Começava uma era dura nos Estados Unidos e na Europa, a era da “estagnação” e das alegadas inefetividades das políticas keynesianas de gestão das crises. Os ultraliberais azeitavam seus think-tanks para o paciente trabalho de reorganização dos partidos conservadores do mundo inteiro. Foi o que fez Margareth Thatcher<sup>1</sup>. Seu primeiro combate foi

dentro do partido conservador, ainda dominado ou pelo menos conformado a políticas econômicas protecionistas e ao *Welfare State* do pós-guerra. Estribada em *think-tanks* muito ativos, ela conquistou a liderança do Partido Conservador. A partir daí, a sequência de vitórias dos neoliberais ou neoconservadores foi estrondosa: em 1979, Margaret Thatcher chega ao governo na Inglaterra; em 1980, Reagan, nos EUA; em 1982, Helmut Kohl, na Alemanha<sup>2</sup>. A rigor, porém, as primeiras grandes experiências de “ajuste” neoliberal haviam sido ensaiadas na América Latina: em 1973, no Chile, com Pinochet, e em 1976, na Argentina, com o general Videla e o ministério de Martinez de Hoz<sup>3</sup>. Nos

---

difusão da doutrina neoliberal na Inglaterra em *Thinking the Unthinkable - Think-Tanks and the Economic Counter-Revolution (1931-83)*. (Londres: Fontana Press/HarperCollins, 1995). Para o caso norte-americano, ver George Nash, *The Conservative Intellectual Movement in America (since 1995)* (Wilmington: Intercollegiate Studies Institute, 1996). Ainda nessa linha, ver James Allen Smith, *The Idea Brokers - Think-Tanks and the Rise of the New Policy Elite* (Free Press: 1993).

<sup>2</sup> Para uma exposição das políticas da nova direita, ver por exemplo: David G. Green, *The New Right - The Counter-Revolution in Political, Economic and Social Thought* (Nova York/Londres, Harvester/Wheatsheaf, 1987); Grahame Thompson, *The Political Economy of the New Right* (Londres: Pinter Publishers, 1990); Andrew Gamble, *The Free Economy and the Strong State - The Politics of Thatcherism* (Londres: MacMillan, 1988); Ralph Miliband et al., *El Neoliberalismo en Gran Bretaña y Estados Unidos - retórica y realidad* (Valência: Alfons el Magnànim, 1992).

<sup>3</sup> Para um balanço duro das políticas e crenças da nova direita, especialmente no caso inglês, vale a pena ler um autor antes entusiasta do neoliberalismo e agora crítico acerbo do “fundamentalismo de mercado”: John Gray, *Falso amanhecer - os equívocos do capitalismo global*, trad. Max

<sup>1</sup> Richard Cockett analisa os centros de elaboração e

anos 80, os programas neoliberais de ajuste econômico foram impostos a países latino-americanos como condição para a renegociação de suas dívidas galopantes. Daí se passou à vigiância e ao efetivo gerenciamento das economias locais pelo Banco Mundial e pelo FMI: 1985, Bolívia; 1988, México, com Salinas de Gortari; 1989, novamente a Argentina, dessa vez com Menen; 1989, Venezuela, com Carlos Andrés Perez; 1990, Fujimori, no Peru. E, desde 1989, o Brasil, de Collor a Cardoso. Em um livro do início dos anos 1990, Anne Krueger, economista-chefe do Banco Mundial durante a fase dos ajustes, festejava as dezenas de programas de aperto aplicados mundo afora – os países que os ‘acolheram’ deixaram de governar suas dívidas, passaram a ser governados pelas dívidas ou a serem governados através de suas dívidas.

É justo dizer que Margareth Thatcher tomou a dianteira e, de certo modo, expôs de modo mais radical a nova ‘revolução conservadora’. Mais do que isso, criou uma senha para sua suposta inevitabilidade: *There’s no alternative*, essa era sua frase identificadora, resumida na sigla TINA. Krueger poderia tê-la associado à sua

comemoração dos ajustes. A partir de tais programas e da ação pioneira da “Dama de Ferro”, privatizar e desregular passaram a ser regras de comportamento para governos ‘modernos’ e ‘livres’. Thatcher também foi um exemplo de radicalismo e inflexibilidade, o que lhe valeu esse apelido, Dama de Ferro. É conhecida a sua declaração, frente à greve dos mineiros ingleses: posso até quebrar a Inglaterra, se isso for o preço para vencer esse sindicato. Seus adversários costumam dizer que conseguiu os dois objetivos. O sindicato nunca mais foi o mesmo. Quanto à Inglaterra, seguiu uma trajetória clara de desfiguração, tanto no plano doméstico quanto na política externa.

Apesar do protagonismo de Thatcher e da pompa da casa real, a Inglaterra, que já era um leão decadente, foi cada vez mais empurrada a secundar a política externa americana, papel excelentemente desenvolvido pelo sucessor e opositor de Thatcher, Tony Blair, uma espécie de mordomo de luxo de George W. Bush. E a sociedade inglesa, em várias de suas dimensões, foi ficando cada vez mais parecida a uma cópia piorada da sociedade americana, com suas desigualdades gritantes, sua dívida pública estratosférica e assim por diante. Até o sistema carcerário britânico foi ficando meio ‘ianque’, distancian-do-se dos padrões e dimensões dominantes na Europa. Mas há vários modos de medir o ‘sucesso’ e de defini-lo e, por isso, Thatcher também foi sendo copiada e imitada em diversos qua-

---

Altman (Rio de Janeiro: Record, 1998); do mesmo autor, *Jogos finais- questões do pensamento político moderno tardio* (São Paulo: Editora Unesp, 2008). Para o casochileno, ver Juan Gabriel Valdes, *Pinochet's Economists - The Chicago School in Chile* (Cambridge: Cambridge University Press, 1995). Sobre a Argentina, ver Javier Alberto Vadell, *Neoliberalismo e consenso na Argentina (1976-1991)*, dissertação de mestrado em ciência política (Campinas: IFCH/Unicamp, 1997).

drantes do mundo, inclusive no Brasil, onde inspirou numerosos agentes de reformas econômicas, reforma do estado, reformas dos serviços públicos, etc. A ironia da história é que alguns desses “reformadores do Estado”, anos mais tarde, iriam se arrepende e vestir a camisa de um “neodesenvolvimentismo” vago e prolixo. Talvez esteja aí outro dos legados de Madame Thatcher. Como diz a frase popular: tem quem goste.

Mas mudanças de lado e de discurso não são exclusividade de nenhuma geografia. Ocorreram no Brasil, ocorreram no México. E ocorreram, claro, na Inglaterra de Thatcher. É instrutivo visitar aquilo que escreveu, nos últimos anos, um antigo entusiasta do neoliberalismo e das demais formas de filosofia neoconservadora, John Gray. Alinhado com o trabalhismo até o começo dos anos 1970, Gray aderiu então, com fervor, à nova fé neoliberal. E depois, nos anos 1990, em nova guinada, juntou-se ao New Labor de Tony Blair, tornando-se mais e mais um crítico do neoliberalismo. Talvez por conta dessa trajetória, sua revisão das ideias neoliberais tenha um sabor especial: é o reconhecimento de um fracasso. Gray, em uma palavra, afirma a tragédia do neoliberalismo e do thatcherismo, em especial. Mas isso só é possível, na verdade, porque Gray mudou sua régua, seu critério de medir fracassos e sucessos. Certamente, essa régua não leva em conta a sentença com que Thatcher definia seu horizonte: destruiu a Inglaterra, mas acabo com o sindicato dos mineiros ou, mais

amplamente, esculhambou ainda mais a economia e a coesão social da Inglaterra, mas implanto minhas crenças e mudo a pauta das opções políticas daqui por diante. Nessa medida, talvez se possa dizer que Thatcher venceu. Pelo menos parcialmente e por algum bom tempo.

Na crítica ao thatcherismo, Gray lembra que “o correspondente natural dos mercados livres não é um governo democrático estável. É a política volátil da insegurança econômica.” (GRAY, p. 274). Ora, se Thatcher tem alguma responsabilidade na difusão do outrora chamado ‘pensamento único’, bem como de suas realizações, isto é, da política que se apoia nessas crenças liberais, então podemos dizer que seu legado é a ‘política volátil da insegurança econômica’ que temos hoje, graças ao fato de que Thatcher morreu, seu partido saiu do governo inglês faz tempo, mas os procedimentos e políticas que implementou não foram corrigidos, revogados e muito menos sepultados.

## **Cadáver adiado que procria**

Thatcher morreu, e alguns dizem ou querem crer que o thatcherismo também morreu. Mas o que dizer dos quadros institucionais que implantou e suas decorrências no comportamento social, econômico, nas ideias? Isso está enterrado? Ou se trata da reedição da frase de Fernando Pessoa: um cadáver adiado que procria?

De fato, reconhece Gray, "a política thatcheriana provocou muitas mudanças importantes nas instituições e na sociedade britânica, algumas irreversíveis (GRAY, p.41). E seus sucessores 'trabalhistas' parecem estar comprometidos com a afirmação dessa irreversibilidade, seja porque nela acreditam, seja porque lhes seja conveniente que assim pensemos, para justificar o que eles próprios fazem. Afinal, lembremos, "There's no alternative". Se Thatcher americanizou ou 'americanizou' a Inglaterra, o certo é que Anthony Charles Lynton Blair deu um passo adiante e transformou a política inglesa numa sucursal ajoelhada da Casa Branca. E, na política doméstica, seguiu 'aperfeiçoando' as reformas da Dama de Ferro. A conversão de Tony Blair talvez seja mais um legado da Dama.

De quais reformas thatcherianas estamos falando? Gray oferece um resumo útil:

Paralelamente à privatização dos ativos públicos, havia uma ampla centralização das instituições intermediárias e governamentais regionais. O Serviço Nacional de Saúde, as escolas, antigos cursos politécnicos e universidades, prisões, a administração da Justiça e o controle das autoridades sobre as forças policiais foram reorganizados. Essas instituições foram retiradas do controle das autoridades locais democraticamente eleitas e colocadas sob o controle de comitês não eleitos indicados pelo governo e das Next Steps Agencies, que, quando muito, respondiam unicamente ao governo central. Por volta de 1995, esses comitês empregavam mais gente e gastavam mais dinheiro que o governo local. Finalmente, os mecanismos de mercado - oferta competitiva compulsória, pagamento relacionado com o desempenho e o lucro e expedientes similares - foram injetados em todos os serviços públicos.

(GRAY, p. 42).

As consequências dessas 'desregulações' ou 'liberações' foram nítidas. Uma delas, o aumento da desigualdade e uma inédita ampliação da pobreza, de uma pobreza estrutural e encardida, sem esperança de reversão. Ainda uma vez, é Gray quem recita:

Ainda mais chocante foi o crescimento de uma *underclass*. A porcentagem de famílias britânicas (não-pensionistas) totalmente sem trabalho - ou seja, nenhum de seus membros faz parte da economia produtiva - cresceu de 6,5% em 1975 para 16,4% em 1985 e 19,1% em 1994. O crescimento continuou, talvez até mais acelerado, sob o governo de John Major. Entre 1992 e 1997, houve um aumento de 15% no número de pais solitários desempregados.

Explicando em detalhes: na Grã-Bretanha hoje, aproximadamente uma em cada cinco famílias (não contando os pensionistas) não tem uma única pessoa trabalhando. Isto é exclusão social em uma magnitude desconhecida em qualquer outro país europeu, mas há muito tempo conhecida nos Estados Unidos. Esse dramático crescimento de uma *underclass* ocorreu como consequência direta das reformas neoliberais do bem-estar social, particularmente pela maneira como afetaram a moradia. A venda das casas de propriedade do conselho municipal para os seus locatários é frequentemente elogiada como uma história de sucesso. Certamente, foi importante do ponto de vista eleitoral como fonte de apoio ao thatcherismo nos anos 80 - embora tenha se voltado contra os conservadores nos anos 90. Em termos sociais e econômicos, a eliminação das moradias municipais foi um dos principais fatores que contribuíram para o surgimento de uma cultura de dependência neoliberal. O dispêndio com o auxílio-moradia no período 1996-1997 foi estimado em mais de 11 bilhões de libras esterlinas. Isto representa 1,5% do Produto Interno Bruto da Grã-Bretanha e mais de dez vezes o custo total do auxílio-

moradia no período 1979-1980. O gasto público com habitação social foi substituído muitas vezes pelo desconto de aluguéis e pela ajuda no pagamento das hipotecas. O preço da privatização da moradia municipal na Inglaterra foi um aumento colossal da dependência em relação à previdência social. (*Ibid.*, pp. 44—45).

A “americanização” da Inglaterra, um país cada vez menos ‘europeu’, aparece até mesmo em lugares incômodos e menos perfumados. Um deles, o universo carcerário:

Números sobre criminalidade são mais difíceis de conseguir e notoriamente complicados de interpretar. Contudo, a tendência geral não pode estar equivocada. Em 1970 houve cerca de 1,6 milhão de crimes graves registrados na polícia da Inglaterra e no País de Gales; em 1981 houve 2,8 milhões. No final de 1990, o número de crimes registrados ficou em 4,3 milhões; em 1992, o número foi de 5,6 milhões. Além do mais, a Pesquisa Criminal Britânica (British Crime Survey) sugeriu que os números verdadeiros eram quase três vezes superiores aos números oficiais.

Ao mesmo tempo, os gastos do Estado com o cumprimento da lei na Grã-Bretanha aumentaram constantemente. Entre 1978/1979 e 1982/1983, o dispêndio com as forças policiais cresceu cerca de um quarto em termos reais. O número de policiais aumentou de aproximadamente 10 mil para mais de 120 mil no primeiro período de governo de Margaret Thatcher. (Tais aumentos de folha de pagamento e do número de policiais não eram uma característica da administração John Major.) De modo geral, as tendências dos gastos estatais para o cumprimento da lei se devem a crimes de todos os tipos e modalidades e cresceram durante o período Thatcher - uma tendência comparável à experiência da Nova Zelândia e à América de Ronald Reagan. (*Ibid.*, pp. 44—45)

O legado de Thatcher para a Inglaterra

ainda é um terreno em disputa. Durante suas cerimônias fúnebres, frases de circunstância e formalidades, nos níveis elevados da academia e do mundo político, contrastavam com manifestações bastante duras do lado de baixo da ‘nova sociedade inglesa’ – manifestações tão rudes quanto aquelas que a Dama de Ferro costumava endereçar a seus inimigos. E no lado de baixo do Equador, qual o legado do thatcherismo?

## **Reformas neoliberais na periferia: incerteza e insegurança**

Já em setembro de 1998, a revista *Newsweek*, em artigos reproduzidos no Brasil pelo jornal *O Estado de S. Paulo* (21-9-1998), mostrava que o FMI não estava tão otimista com os programas que impusera aos países endividados. Reconhecia a proliferação da pobreza e das tensões sociais onde aparentemente se esperava encontrar o paraíso do mercado. Tornavam-se cada vez mais visíveis os efeitos destrutivos da desregulamentação dos mercados financeiros, com a liberdade para trocas e movimentos de capitais e para a criação dos chamados derivativos. Ela estimulou uma avalanche de investimentos especulativos, muito mais rentáveis do que os investimentos na chamada economia real. São também evidentes os impactos desastrosos dessa tendência sobre o emprego e a renda e, mais ainda, sobre a estabilidade política, social e econômica desses países.

E como o mundo econômico e financeiro se tornou ainda mais "globalizado", também a estabilidade internacional é afetada. A "política volátil da insegurança econômica" atinge níveis ainda mais dramáticos quando se chega ao porão do mundo globalizado.

Contudo, com todos esses 'inconvenientes' e incômodos, o sucesso *político* do neoliberalismo parece claro. Algumas de suas vitórias são claras. Conseguiu desmanchar em grande medida o Estado de bem-estar social e enfraquecer brutalmente os sindicatos, por meio da liberalização legal e policial do mercado de trabalho e da extensão do desemprego e do emprego precário, desregulamentado, flexível.

O neoliberalismo também alcançou um visível sucesso *moral e ideológico*. Milton Friedman, um monetarista radical da chamada Escola de Chicago, há algum tempo dizia que era preciso criar um clima de opinião em que o capitalismo e o lucro não fossem vistos como pecados, cometidos com vergonha. Hoje, de fato, o grande capital parece que perdeu o medo e a vergonha de ser capital.

E preciso levar tudo isso em conta quando escolhemos um critério para medir os sucessos e os fracassos do neoliberalismo. Devemos pensar no objetivo que ele mesmo definiu para si: a capacidade de impor uma nova correlação de forças na sociedade e na opinião dominante. Isto é, a capacidade de conquistar a hegemonia ideológica, mesmo quando e onde se

verifica um evidente fracasso na realização da prometida recuperação econômica. Trata-se da legitimação de um programa, ou de um "ideal" político, talvez até mais do que uma solução prática para a estagnação econômica ou para a pobreza.

Se adotamos esse critério para medir sucessos e insucessos, talvez o neoliberalismo não tenha fracassado, nem tenha morrido.

Mas há outro legado do thatcherismo que deve nos preocupar. É o legado do 'menos Estado', isto é de Estado supostamente menos interventor na política econômica e mais distante nas políticas sociais e que, de fato, se traduz em políticas de "Estado forte", no plano repressivo.

Das reformas neoliberais surgem, como cogumelos, suas novas *elites yuppies*, os novos "empreendedores" e "reengenheiros" do mundo financeiro e gerencial, *los perfumados*, como se dizia no México por ocasião dos últimos terremotos econômicos. São os elegantes e saltitantes implantadores das "reformas" liberalizantes e dinamizadoras. Ao mesmo tempo, dissolvem-se, mais ou menos rapidamente, mas sempre com notável clareza, as bases políticas do velho conservadorismo. O novo Estado forte é cada vez mais livre das "velhas" formas do controle público. Deliberadamente, e quase por definição, é imune a controle social (e, sobretudo, eleitoral). Junte-se a tudo isso o ingrediente explosivo da exclusão estrutural, conduzindo segmentos cada vez maiores da humanidade a uma situação ins-

tável e desesperadora. Vejamos essa conjunção – yuppies destrambelhados, déficit de participação e controles democráticos, insegurança social. É um coquetel explosivo, fértil para o apelo a soluções de emergência e desespero que de outro modo seriam vistas como inviáveis, indesejáveis ou até mesmo impensáveis.

Quando Hayek expôs seu plano de reforma política e sua crítica ao Estado de bem-estar, há algumas décadas, um de seus críticos lembrou que aquele modelo político era de tal maneira imune à crítica e à mudança que só restaria um caminho aos dissidentes que produziria: o desespero e a insurreição. A reforma do Estado pregada pelos neoliberais pretende criar uma espécie de Estado gerencial, enxuto. Em vez de atribuir a entidades de governo tarefas produtivas e de prestação de serviços, monta comitês e agências encarregados de controlar e contratar serviços prestados por empresas privadas, justamente aquelas que teriam adquirido as entidades anteriormente estatais. Notemos que as instituições do "Estado Velho" eram, pelo menos em princípio, subordinadas ao controle de organismos políticos eleitos: congresso, assembleias estaduais, câmaras municipais, etc. Eram também submetidas à fiscalização judicial dos atos e contas públicas. As novas agências controladoras são instituições ultrapoderosas, mas de fato e de direito imunes a qualquer forma de controle efetivo. São instituições que, cada vez mais, tendem a não responder diante de qualquer soberania

política. Não podem ser controladas - mas também não podem (e não pretendem) ser legitimadas por instituições democráticas convencionais. E esse é um fator de instabilidade política não desprezível.

Mas há outro resultado inquietante do avanço neoliberal. O fundamentalismo de mercado neoliberal depende de uma aposta perigosa. E a crença de que o mercado livre, não regulado, produz crescimento contínuo, amplia as oportunidades econômicas e sociais, assim como as escolhas e acessos ao consumo. Mas o que ocorre diante da possibilidade de uma falha nessa aposta? Afinal, a insegurança diante dos riscos e as flutuações econômicas do mercado são filhos legítimos e esperados da competição mercantil. Aliás, na mitologia neoliberal, o sucesso depende justamente da falta de garantia de sobrevivência. Dizem os neoliberais que é exatamente por causa dessa condição desafiadora que o empenho e a criatividade dos empreendedores são forçados a germinar.

A falência da utopia neoliberal é algo previsível, do ponto de vista lógico. E para milhões de seres humanos no planeta, já é algo dolorosamente constatado e vivenciado. Esse fracasso abre o campo para movimentos políticos não apenas não liberais, mas radicalmente antiliberais, dos mais variados tipos.

## **Profecias do apocalipse**



Tratemos de resumir a cena. Níveis de insegurança sem precedentes são impostos a massivos segmentos populacionais, provocando terremotos na sua vida e nas suas expectativas. Tal cenário já se desenrolou e gerou movimentos reformistas no final do século XX. Sim, uma espécie de ‘onda cor de rosa’ moderou algumas das políticas mais duras da Dama e de seus seguidores. Mas as reformas foram tímidas demais para afastar o ‘legado’ neoliberal. Em alguns países, como nos elos mais frágeis da União Europeia, o cenário deprimente se aprofundou. São estes os resultados humanos (ou desumanos) das reformas econômicas e das reestruturações produtivas implantadas em todo o mundo - e não revertidas, depois da suposta “superação” do neoliberalismo por governos socialdemocratas.

Durante mais de um século, movimentos operários, socialistas e democráticos havia imposto ao capital restrições reguladoras que impediram a ação bárbara do "moinho satânico" do mercado, para usar a expressão celebrizada por um conhecido livro de Karl Polanyi. São esses "entraves" à suposta ordem natural das coisas que a contrarrevolução neoliberal enfraqueceu sensivelmente. Essa foi a vitória de Thatcher: quebro a Inglaterra, mas líquido o sindicato dos mineiros, não esqueçamos essa frase. Esse movimento reacionário prepara a emergência de um mundo sinistro: apatia política, desilusões e desmoralizações ideológicas, insegurança econômica e atomização social. Além

disso, trata-se de uma sociedade que pode "dispensar" da inclusão social - e da própria sobrevivência física - uma parte crescente dos seres humanos. Está pronto o caldo de cultura propício às soluções de desespero. E, como se sabe, desespero e insegurança são péssimos conselheiros. Apatia política e desilusões com as saídas convencionais, desmanche de tradições políticas, sociais e culturais que outrora costuravam e resguardavam a sociedade, ausência de saídas progressistas confiáveis (elas mesmas mergulhadas na desilusão e na desmoralização) – situações extremas que preparam o caminho para a emergência de “soluções” extremas, aquelas que parecem ser o único ponto firme num mundo em que tudo naufraga, grito que parece ter espírito num mundo sem espírito, para repetir uma célebre frase. Foi em quadro similar que vicejou o fascismo, um *sintoma* de males profundos, que, contudo, tinha o engenho de não se apresentar como sintoma, mas, antes, como *remédio* - amargo, necessário e... o único que nos sobra.

Esse quadro pode soar apocalíptico e exagerado. Mas ainda uma vez valeria a pena lembrar as profecias macabras de Lord Keynes, antevendo os efeitos nocivos do *laissez-faire* e da paz imposta aos países derrotados na Primeira Guerra Mundial:

Nem sempre as pessoas aceitam morrer de fome em silêncio: algumas são dominadas pela letargia e o desespero, mas outros temperamentos se inflamam, possuídos pela instabilidade ner-

vosa da histeria, podendo destruir o que resta da organização social, e submergindo a civilização com suas tentativas de satisfazer desesperadamente as necessidades individuais.<sup>4</sup>

Keynes acentuava as cores das cenas mais perigosas, esperando que disso resultasse a prudência política que as pudesse evitar. Por isso, alerta para que não se espere até que "idéias de loucura e desespero tirem esses sofreadores da letargia que precede a crise", uma vez que, nessas circunstâncias, "o homem se abala e afrouxam-se as relações estabelecidas. O poder das idéias torna-se soberano e os homens passam a dar ouvidos a quaisquer promessas transmitidas pelo ar." (*Ibid.*, p. 172-173.).

Hoje podemos ver que muitas dessas promessas ainda estão apenas no ar, aguardando a encarnação do demônio. Mas, se não forem construídas barreiras confiáveis à barbárie enquanto ainda é tempo, não faltarão transmissores e antenas. Esses instrumentos aparecerão quando as promessas e expectativas radiantes de escolha, riqueza e consumo do neoliberalismo forem amplamente superadas pelos seus outros filhos legítimos e bem mais previsíveis: a insegurança, o risco, a precariedade da vida e a ameaça de morte para amplos segmentos da raça humana.

Essas multidões são cada vez maiores mesmo no admirável Primeiro Mundo. Para elas,

perfila-se no horizonte próximo uma vida sem perspectivas e sem sonhos. Nos noticiários das prateadas antenas de TV a cabo, desfila a morte lenta e letárgica das multidões descartáveis, na África, na Europa do leste, na Ásia ou na América Latina, mas também em bolsões cada vez mais significativos dos países avançados. Tudo isso deveria nos alertar. Aqueles que são reduzidos à condição de manada podem discordar dessa caminhada silenciosa para o abate. Podem passar da letargia às opções históricas. Afinal, em um mundo de tantos absurdos, uma reação "maluca" pode parecer "racional"... ou pelo menos justificável.

Qual o legado de Margareth Thatcher? Deixemos de lado a "fulanização" da pergunta. Qual é o legado do vendaval de contrarreformas neoliberais que varreu o mundo nas últimas décadas do século XX? A mídia conservadora certamente providenciará lamúrias sobre a morte da Dama de Ferro – afinal, como diz a tradição popular, de morto não se fala mal. Mais do que isso, aparecerão as vozes que dizem algo assim: bom, o mundo é melhor sem a inflação, a decadência americana, a estagnação dos anos 1970. Quase nos esquecemos dos custos das reformas, trocar a inflação por um endividamento em cascata, a estabilização por um mundo sem empregos, por uma desigualdade nunca vista e uma escalada de "pequenas" guerras e genocídios nos Balcãs, no Oriente Médio ou na África. Os bufões do norte, além de seguir dizendo que o Ira-

---

<sup>4</sup> A primeira edição foi publicada em 1919, não se deve esquecer.

que dispunha de armas químicas de destruição em massa, logo entoaram: bem, o mundo ficou melhor sem Saddam Hussein. Talvez os iraquianos não pensem exatamente assim. Talvez também não pensem assim seus vizinhos, numa região que é hoje ainda mais tensa e explosiva. Os bufões talvez comentem a morte da Dama de Ferro dizendo algo parecido: que ela deixou o mundo melhor. Outros dirão que é melhor que ela tenha deixado o mundo. São apenas mudanças na ordem das palavras. Mas refletem de que lado estamos.

---

<sup>i</sup> Doutor em Filosofia. Professor da Unicamp e membro do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Estudos sobre os Estados Unidos.

As notas apressadas retomam, por vezes literalmente, vários dos argumentos que desenvolvi em meu livro *Neoliberalismo - de onde vem, para onde vai*, agora disponível online ([http://reginaldomoraes.files.wordpress.com/2012/01/livro\\_neoliberalismo.pdf](http://reginaldomoraes.files.wordpress.com/2012/01/livro_neoliberalismo.pdf)).

## Referências

COCKETT, Richard. *ThinkingtheUnthinkable - Think-TanksandtheEconomicCounter-Revolution* (1931-83). Londres: Fontana Press/HarperCollins, 1995

GRAY, John. *Falso amanhecer - os equívocos do capitalismo global*.

KEYNES, John Maynard Keynes. *As Consequências Econômicas da Paz*. São Paulo: Ed. Imprensa Oficial-IPRI-UnB, 2002.

KRUEGER, Anne. *Political Economy of Policy reform in developing countries*. Massachusetts Institute of Technology, 1993.

Recebido em 29 de junho de 2013

Aprovado para publicação em 11 de julho de 2013